

O TEATRO DE PASCHOAL CARLOS MAGNO: O OFÍCIO EM SUAS CONSIDERAÇÕES

Gisele de Miranda Iggnácio
PUC-SP

RESUMO: O ensaio é fruto de minha tese de doutorado sobre o teatrólogo, crítico e animador cultural Paschoal Carlos Magno (RJ, 1906 – RJ, 1980) e seus empreendimentos junto ao Teatro Moderno Brasileiro. O texto se divide em duas partes: as entranhas da pesquisa e atualizações e um resgate das atividades criadas por Paschoal.

PALAVRAS-CHAVE: Paschoal Carlos Magno. Teatro Duse. Barcas e Caravanas da Cultura. Aldeia de Arcozelo. Teatro do Estudante do Brasil.

RÉSUMÉ: L'essai est fruit de ma thèse de doctorat sur le théâtreologue, critique et animateur culturel Paschoal Carlos Magno (Rio de Janeiro, 1906 - Rio de Janeiro, 1980) et ses œuvres au sein du Théâtre Moderne Brésilien. Le texte est divisé en deux parties: les entrailles de la recherche et actualisations, ainsi qu'un repêchage des activités créées par Paschoal.

MOTS-CLÉS: Paschoal Carlos Magno. Le Théâtre Duse. Les Bâteaux et les Caravanes de la Culture. La Village d'Arcozelo. Le Théâtre de l'Étudiant du Brésil.

A temporalidade da criação deste texto não deve ser medida sem a subjetividade do ofício. Sabê-lo atual faz lembrar as entranhas da pesquisa. Portanto, essas entranhas são, no vigor da escrita, louros à pesquisa histórica, ou seja, livros, memórias, fontes e tal, convergindo

em devires da escrita – sobre palcos e palmas, em sonoridades ou vertigens, e pleno de raízes híbridas que, aliás, vos apresento.

Em tese, deixei registros de minha própria escrita, ora à revelia, ora em consonância às sugestões de outrem (entre áreas, conceitos e preconceitos).

A temática foi sendo esculpida e as imagens pul-saram. Os critérios de definição foram gestados no rigor do trabalho, mas deixando em liberdade a escrita, que, por sua vez, foi cria do indomável – em verso, prosa, posta em cena, na expressão do corpo, na fala, no ver e ouvir o que o multifacetado mundo artístico produz.

Por isso, dediquei uma temporalidade epite-lial para compor a pesquisa sobre Paschoal Carlos Magno a partir de questões morais, políticas, cul-turais e de deslanche do Teatro Moderno (PRADO, 1996, p. 11 e 39), que com tanta primazia foi es-tudado por Décio de Almeida Prado, um dos raros autores a enfocar o nome de Paschoal Carlos Magno como um grande crítico de teatro, realizador e men-tor do teatro amador no Brasil.

Ademais, sinto-me na audácia de expor alguns pontos que permearam a criação deste ensaio e que de certa forma fazem ressonância na relação que muitas ve-zes estabelecemos com o mundo – a de espectadores, que em si comportam olhares diferenciados, ricos de tex-tualidades. (GUATTARI, 1992, p. 25)

Entre as preocupações surgidas, encontrei o termo biografia, que em princípio pareceu-me cabível; a *posteriori*, hesitei – optando por denominar a escrita como mo-saica, embora ela carregue consigo a pesquisa biográfica.

Peço emprestado a Procópio Ferreira um fragmen-to de seu pensamento, quando, evocando o labor do bi-ógrafo, propôs flunar sobre “retalhos catados aqui e ali, pacientemente, num mosaico de idéias e de episódios”

(apud BARCELLOS, 1999, p. 12). Diria que esses retalhos foram instrumentais de perenes leituras. Entre elas, uma discussão sobre biografia histórica, encabeçada por duas hagiografias – uma de São Francisco de Assis e outra de São Luís – do renomado historiador Jacques Le Goff.



Figura 1: Sérgio Cardoso, Paschoal Carlos Magno e Procópio Ferreira, em visita aos ensaios de *Hamlet*, no Teatro Duse (*Jornal Diário da Noite*, 19/01/1948, arquivo Brício de Abreu – SNT/ FUNARTE/RJ).

O termo biografia, defendido por Le Goff, não deixou de exprimir as dificuldades quanto à qualidade de publicações biográficas, “abundantes há alguns anos...”; contudo, sendo “a maioria dessas obras anacronicamente psicológicas”, pendem aos valores do mercado oportuno (LE GOFF, 1999, p. 20-21).

Independentemente do termo aplicado, compartilho com Le Goff não apenas o afinco da pesquisa histórica, mas a carga particular da biografia “em meio à crise de muta-ção geral das sociedades ocidentais”, levando também à reflexão a questão do sujeito na biografia (o sujeito globalizante), dimensionado como uma procura utópica, por

causa dos vácuos e “disjunções, que rompem a trama e a unidade aparente” (LE GOFF, 1999, p. 20-21).

Em meio a essas disjunções, o mosaico proposto tem seus feixes ficcionais, permitindo os encantos das utopias – a flâmula do desejo, da fantasia e da liberdade de criação, como sugere o historiador Hilário Franco Jr., em *Cocanha*, trabalho prefaciado por Le Goff.

O *corpus* biográfico da tese foi um fato; contudo, plasticamente vislumbrado como um mosaico cortado incessantemente por experimentalismos e cenas clássicas.

Dadas essas premissas e para encerrar essas considerações, proponho a abertura das cortinas desse palco imaginário. Respeitáveis leitores, apresento-vos: Paschoal Carlos Magno, em um mosaico cultural!

Lúcio ou Paschoal? É a partir do romance histórico “Sol sôbre as palmeiras”, marco autobiográfico, com espacialidade delineada e identificada pelo morro de Santa Teresa ou morro Paula Matos, na cidade do Rio de Janeiro, que o menino Lúcio, personagem de Paschoal, frágil e enfermo, torna-se o poeta e escritor/redator do jornal da família até chegar a ser o crítico e teatrólogo de larga importância no Brasil.

O percurso da diplomacia (1933-1968) foi para Paschoal o caminho de formação intelectual e cultural. Seu desejo por retornar ao Brasil foi se dando através da poesia e dos diários escritos em Atenas, Milão, entre outros lugares.

As idas e vindas do andarilho consular não fraquejaram os importantes momentos de sua afirmação como animador e incentivador cultural e até mesmo como mecenas assalariado. Mas foi na política que viu uma possibilidade de estabelecer-se no Rio de Janeiro – de certa forma, criando um personagem pitoresco, comumente estigmatizado de “louco”, muito pertinente em tempos de ditadura militar.

Como louco, foi passando por funis e estabelecendo as bases de seu teatro. Paschoal foi pouco cerceado pelo duro período, muito embora tenha declarado que “houve quatrocentos Teatros de Estudantes no Brasil, mas 1964 matou-os um a um.” (PASQUIM, 197-, p. 13-14).

Muitas das pessoas que ficaram durante esse período só conseguiram manterem-se vivas através dos comboios culturais, em tese, pouco vigiados, e em geral sob os auspícios do “louco e inofensivo” – como era chamado Paschoal pelos militares. Esse estigma foi oportuno para lançar as bases de resistência, pois era incomum imaginar uma grande quantidade de jovens aglomerados em trajetos pouco ou nada controlados, ditados pelas Barcas e Caravanas da Cultura (1963/1964/1968/1974/1975).

As Barcas foram projetadas por Paschoal para trafegar pelo Rio São Francisco; as Caravanas eram desdobramentos das Barcas, ou seja, trajetos realizados por terra, em regiões do Norte e Nordeste do Brasil: “256 brasileiros... oito ônibus, dois caminhões carregando toneladas de livros e discos... 274 espetáculos...” (O JORNAL, 1967).

As bases do teatro “paschoalino” eram polivalentes e improvisadas, além de buscarem respeitabilidade para os profissionais do teatro e princípios coletivizados em diferentes momentos, burlando as dificuldades quanto à ausência de investimentos.

Sua trupe era formada por moços que povoaram várias das construções de Paschoal, como o Teatro do Estudante do Brasil (1938), Teatro Duse (1952) e Aldeia de Arcozelo (1965). Tais empreendimentos elevaram Paschoal ao título de “Estudante Perpétuo do Brasil”, dado pela UNE (1956). Também acolheu e apoiou o Teatro Experimental do Negro, em 1944.



Figura 2: Paschoal Carlos Magno, Ester Leão e Jorge Kossonsky cercados pelos estudantes de Teatro, déc. 1940 (Acervo da família Carlos Magno).

Assim, os primeiros Festivais de Teatro foram se dando de maneira minuciosa, quanto à formação. O grande exemplo fora a “Concentração dos Estudantes”, à realização do Festival Shakespeare: aulas de canto, esgrima, danças, línguas, palestras e leituras de textos.



Figura 3: Paschoal Carlos Magno, Rosa Carlos Magno e os 17 dos 18 estudantes de teatro que receberam bolsas de estudos na Europa – ati-

vidade criada e coordenada por Paschoal. Na foto: Otavinho Arantes, Alberto Carlos Magno, Isaac Bardavid, Ubiratan Teixeira, Oton Bastos, Valter Ponti, Armando Maranhão, Paulo Salgados dos Santos, Maria Carmen Roney, Orlando Macedo, Elida Gonçalves, Eduardo Garcez, Miriam Carmem, Tereza Raquel, Celme Silva – faltando no grupo Fernando Amaral (Acervo da família Carlos Magno).

Como rebate das más línguas quanto aos grupos mistos, um diário de atividades foi publicado no jornal *Correio da Manhã*, oferecendo à aproximação do público uma série de atividades monitoradas por profissionais que balizaram a seriedade da proposta.

Muito antes do primeiro albergue da juventude no Brasil (1973), Paschoal já lotava sua antiga residência – o Teatro Duse –, acolhendo artistas e estudantes de passagem. Mas a sua primeira e grande postura se deu em 1929, com a criação da Casa do Estudante – parceria de Paschoal com d. Anna Nery.

Os primeiros Festivais de Teatro criados por Paschoal foram o I Festival (Recife, 1958), II Festival (Santos, 1959), III Festival (Brasília, 1961), IV Festival (Porto Alegre, 1962), V Festival (Rio de Janeiro, 1968), VI e VII Festivais (Aldeia de Arcozelo, 1971 e 1976); nomes como João Cabral de Melo Neto, B. de Paiva, Plínio Marcos, Sérgio Cardoso, Ariano Suassuna, entre muitos outros nomes, surgiram sob a égide de Paschoal.

A Aldeia de Arcozelo foi criada para ser uma Universidade Livre de Artes, mas pereceu pela falta de recursos, como local último do desatino de Paschoal – ao ver-se endividado, este proclamou aos quatro ventos que iria atear fogo ao local.

Também foi na Aldeia de Arcozelo, sob controle da Funarte, que me deleitei em pesquisas (1999). Na época, o local estava ermo, os documentos estavam jogados entre traças e destruição. Cheguei a propor à Funarte uma organização em mutirão, com uma equipe de pesquisa-

dores. Nunca tive um retorno de aceitação, nem mesmo dos meus préstimos pessoais em ato isolado. Alguns ofícios, cá e lá, entradas e saídas de seus representantes, e palavras de prioridades que rolaram ao vento.



Figura 4: Ariano Suassuna, Miroel Silveira, Hermilo Borba Filho e Paschoal Carlos Magno, 1959 (?) (Folha de São Paulo, 26 maio 1980).



Figura 5: A historiadora em seu ofício, na Aldeira de Arcozelo / Paty do Alferes (Foto de Maria do S. Nepomuceno, 1999).

O que eu pude registrar em documentos e fotos foi capitaneado para a construção da tese, além de vários outros textos que foram surgindo ao longo de uma temporalidade que permeou cerca de nove anos, desde o término da tese. E, incansável, referendo este novo texto, e um projeto de refazer os trajetos das Caravanas e Barcas da Cultura.

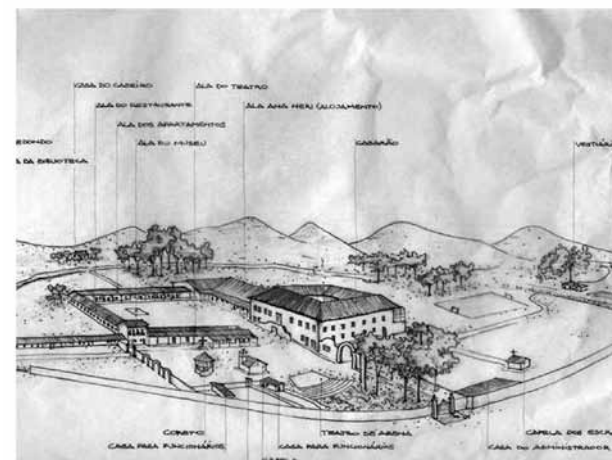


Figura 6: Desenho livre do arquiteto Guilherme Madeira. Aldeia de Arcozelo, 1999, sob pedido da autora.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, J. *O mágico da expressão*. Rio de Janeiro: Funarte, 1999.

BARCELLOS, J. *CPC da UNE: uma história de paixão e consciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CHARTIER, R. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo: FAPESP: Iluminuras, 1997.

FALCON, F. *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FRANCO JR., H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

LE GOFF, J. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, J. *São Luis: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MAGNO, O. C. *Pequena história do Teatro Duse*. Rio de Janeiro: SNT, 1973.

MAGNO, P. C. *Poemas do irremediável*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1972.

MAGNO, P. C. *Não acuso nem me perdôo: diário de Atenas*. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MAGNO, P. C. *Sol sobre as palmeiras*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1962.

MAGNO, P. C. *Tudo valeu a pena*. m.s., s.d.

MAGNO, P. C. *Tempo que passa*. Rio de Janeiro: s/ed., 1922.

MIRANDA, G. *Paschoal Carlos Magno (1906-1980): mosaico de um culturalista*. São Paulo: 2000. Tese (doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MIRANDA, G. Os estudantes e o emergir da ribalta. *Revista da APG/PUC-SP*, ano VII, n. 13, 201-215, 1998.

MIRANDA, G. Da concentração dos estudantes ao festival Shakespeare. *Revista da APG/PUC-SP*, ano VIII, n. 16, 101-114, 1998.

MIRANDA, G. Uma nau de trilhos e bondes: o Teatro Duse. *Revista da APG/PUC-SP*, ano VI, n. 11, 142-154, 1997.

PRADO, D. A. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PRADO, D. A. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SEVCENKO, N. *Pindorama Revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

Recebido em 12/10/2009

Aprovado em 07/12/2009